



***Esse, Intelligere et Vivere* no pensamento de Meister Eckhart (1260-1328)**
***Esse, Intelligere et Vivere* en el pensament de Meister Eckhart (1260-1328)**
***Esse, Intelligere et Vivere* en el pensamiento de Meister Eckhart (1260-1328)**
***Esse, Intelligere et Vivere* in the thought of Meister Eckhart (1260-1328)**

Matteo RASCHIETTI¹

Abstract: This article examines the central role of the concepts *esse*, *intelligere*, and *vivere* in Meister Eckhart's thought. Starting from his ontology of *esse*, which identifies God as being itself and the foundation of all things, the study explores how Eckhart articulates this perspective with the primacy of *intelligere*, understood as the divine intellect and the very ground of being. The analysis highlights his departure from Thomistic metaphysics and from the Exodus tradition, by affirming that God is not primarily *ens* but intellect and knowledge. Finally, the article addresses the notion of *vivere* as fullness of life, manifested in the union of the soul with the eternal Logos. Thus, it becomes evident that, for Eckhart, the human spiritual journey consists in transcending the realm of created being to partake in divine life, where intellect and the inner word become the place of God's birth within the soul.

Keywords: Meister Eckhart – Medieval Metaphysics – *Esse* – *Intelligere* – *Vivere* – Logos.

Resumo: O presente artigo analisa a centralidade dos conceitos de *esse*, *intelligere* e *vivere* no pensamento de Meister Eckhart. Partindo de sua ontologia do *esse*, que identifica Deus como o próprio ser e fundamento de todas as coisas, examina-se a forma como Eckhart articula essa perspectiva com a primazia do *intelligere*, entendido como intelecto divino e fundamento do próprio ser. A análise mostra o distanciamento em relação à metafísica tomista e à tradição do Êxodo, ao afirmar que Deus não é primariamente *ens*, mas intelecto e conhecimento. Por fim, o artigo aborda a noção de *vivere* como vida plena e dinâmica, que se manifesta na união da alma com o Logos eterno. Dessa forma, evidencia-se que, em Eckhart, o itinerário espiritual do ser humano consiste em ultrapassar o plano do ser criado para participar da vida divina, na qual o intelecto e a palavra interior se tornam lugar de nascimento de Deus na alma.

¹ Professor da [Universidade Federal do ABC \(UFABC\)](http://www.ufabc.edu.br). E-mail: Matteo.raschietti@ufabc.edu.br



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Palavras-chave: Meister Eckhart – Metafísica medieval – *Esse* – *Intelligere* – *Vivere* – Logos.

ENVIADO: 17.07.2025
ACEPTADO: 25.08.2025

Introdução

O pensamento de Meister Eckhart (1260-1328) ocupa um lugar singular na tradição filosófica e teológica medieval. Entrelaçando elementos da metafísica aristotélica, da tradição neoplatônica e da especulação cristã, o mestre dominicano desenvolve uma reflexão ousada e original sobre o ser, o conhecimento e a vida. No centro de sua filosofia encontram-se três conceitos fundamentais — *esse*, *intelligere* e *vivere* — que não apenas estruturam sua ontologia, mas também iluminam sua espiritualidade. O *esse* remete à identidade entre Deus e o ser, fundamento de toda a realidade criada; o *intelligere* exprime a primazia do intelecto divino sobre o simples existir; e o *vivere* designa a vida plena que se manifesta na união com o divino. Este artigo procura explorar a articulação entre esses três conceitos, evidenciando tanto sua continuidade com a tradição escolástica quanto as rupturas que marcam a originalidade de Eckhart, em especial sua tentativa de superar os limites da metafísica do Êxodo para afirmar a centralidade do intelecto e da vida no mistério divino.

I. *Esse*

Para Eckhart, o *esse* é a realidade primordial, a essência de tudo o que existe. Deus, em sua concepção, não é um ser entre outros, mas o próprio Ser em sua plenitude. Eckhart afirma que “Deus é o Ser” (*Deus est Esse*), e tudo o que existe participa desse Ser. No entanto, o Ser divino não pode ser completamente compreendido pela razão humana, pois transcende todas as categorias e conceitos. O ser humano, enquanto criatura,



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

possui um ser derivado, finito e contingente. Contudo, Eckhart enfatiza que a alma humana carrega uma “pequena centelha” (*Fünklein*), uma participação no Ser de Deus. Essa pequena entelha é o ponto de união entre o humano e o divino, o lugar onde a transcendência se encontra com a imanência.

O coração da ontologia eckhartiana se encontra no *Opus Tripartitum*, obra-prima de sua extensa produção acadêmica.² Apesar de não dispor da obra de Eckhart integralmente, é possível reconstruir seus temas principais a partir dos títulos dos quatorze tratados do *Opus tripartitum* citados no *Prologus generalis*:

- O primeiro tratado se ocupa do ser e do ente, e do seu oposto que é o nada.
- O segundo da unidade e do uno, e do seu oposto que é o múltiplo.
- O terceiro da verdade e do verdadeiro, e do seu oposto que é o falso.
- O quarto da bondade e do bem, e do mal que é seu oposto.
- O quinto do amor e da caridade, e do pecado que é seu oposto.
- O sexto do honesto, da virtude e do direito, e de seus opostos, por exemplo, o torpe, o vício e o errado.
- O sétimo do todo e da parte, que é seu oposto.
- O oitavo do comum e do indistinto, e de seus opostos, o próprio e o distinto.
- O nono da natureza superior e inferior, e de seus opostos.
- O décimo do primeiro e do último.

² Como revela o título, ela foi concebida em três partes: *Opus propositionum*, *Opus quaestionum* e *Opus expositionum*. Os críticos concordam em afirmar que o *Opus tripartitum* tinha a forma de uma nova “*Summa theologiae*”, com uma sua originalidade particular em relação às *Summae* ou aos Comentários das Sentenças de seus grandes antecessores. Infelizmente, pouca coisa foi conservada do *Opus tripartitum*, e precisamente: o Prólogo geral (documento de grande importância para compreender a problemática de fundo de Eckhart); o Prólogo da primeira parte; nada da segunda parte; o Prólogo da terceira parte junto a alguns esboços de sermões e vários comentários bíblicos: a *Expositio libri Genesis* (Comentário ao livro do Gênesis) e a *Expositio libri Exodi* (Comentário ao livro do Êxodo) cada um em duas redações; um *Liber parabolarum Genesis* (As parábolas do livro do Gênesis), a *Expositio libri Sapientiae* (Comentário ao livro da Sabedoria), dois sermões e duas *lectiones super Ecclesiasticus* (c. 24,23-31); a *Expositio santi Evangelii secundum Iohannem* (Comentário ao Evangelho segundo João); um fragmento da *Expositio Cantici Canticorum* (Comentário ao Cântico dos Cânticos).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

O décimo primeiro da idéia e da razão, e de seus opostos, por exemplo, do informe e da privação.

O décimo segundo daquilo pelo qual é, e do que é, seu correlativo.

O décimo terceiro trata de Deus mesmo, o ser mais elevado, que «não tem contrário, exceto o não-ser», como diz Agostinho no *De immortalitate animae* e no *De mortibus manichaeorum*.

O décimo quarto da substância e do acidente.³

Nos primeiros quatro tratados dessa lista, que versam sobre o ser e os transcendentais (unidade, verdade e bondade),⁴ é possível reconhecer um conjunto fechado de extrema importância na metafísica eckhartiana. O *leitmotiv* que permite sua compreensão é a equação *esse est Deus*:

O ser é Deus. Esta proposição é evidente. Primeiramente porque, se o ser for diverso do próprio Deus, Deus não é nem é Deus. De que modo, afinal, poderia ser e ser algo, se o ser fosse outro, alheio e distinto dele? Ou, se for Deus, é Deus por causa de outro, sendo o ser outro dele mesmo. Portanto Deus e o ser são o mesmo, ou Deus tem seu ser a partir de um outro. E assim ele não seria o mesmo Deus, como se pressupôs, mas um outro diferente dele seria antes dele, e seria a causa de seu ser. Além disso: tudo o que é, recebe

³ “Primus tractatus agit de esse et ente et eius opposito quod est nihil. Secundus de unitate et uno et eius opposito quod est multum. Tertius de veritate et vero et eius opposito quod est falsum. Quartus de bonitate et bono et malos eius opposito. Quintus de amore et caritate et peccato, eius opposito. Sextus de honesto, virtute et recto et eorum oppositis, puta turpi, vitio, obliquo. Septimus de toto et parte, eius opposito. Octavus de communi et indistincto et horum oppositis, proprio et distincto. Nonus de natura superioris et inferioris eius oppositi. Decimus de primo et novíssimo. Undecimus de idea et ratione et horum oppositi, puta de informi et privatione. Duodecimus vero de quo est et quod est ei diviso. Decimus tertius agit de ipso deo summo esse, quod ‘contrarium non habet nisi non esse’, ut ait Agustinus *De immortalitate animae* et *De mortibus Manichaeorum*. Decimus quartus de substantia et accidente”. In: MÂITRE ECKHART. *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues*. Edição bilingue latim-francês. A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn (orgs.). Paris: Les Éditions du Cerf, 1984, p. 43-44. Tradução nossa.

⁴ No pensamento escolástico, os transcendentais são as noções que convêm a todos os seres e, por isso, transcendem as categorias aristotélicas: eles têm a máxima universalidade que se pode pensar (pois se referem ao ente enquanto tal), e se distinguem das categorias que delimitam o ente em âmbitos particulares.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

do ser e para o ser o que se torna ou é ou o que é. Portanto, se o ser for alheio a Deus, a coisa recebe o ser de outro, mas não de Deus. Além disso: antes do ser não há nada, uma vez que quem outorga o ser cria e é criador. Porque criar é dar o ser a partir do nada. É manifesto, contudo, que todas as coisas têm o ser do mesmo ser, assim como todas as coisas brancas são brancas a partir da brancura. Por conseguinte, se o ser for diverso de Deus, o criador é outro que não Deus. Pelo contrário (4º) toda coisa que tem o ser é, com exclusão de qualquer outra coisa, assim como o que tem a brancura é branco. Portanto, se o ser fosse alheio a Deus, as coisas poderiam ser sem Deus. E assim Deus não seria a causa primeira, nem a causa das coisas que são. Mais um quinto ponto: fora do ser e antes do ser existe somente o nada. Portanto, se o ser fosse diferente de Deus e alheio a Deus, Deus [não] seria nada ou, como se disse antes, seria a partir de um outro diferente dele e anterior a ele, e aquele seria Deus de todas as coisas. O texto de *Êxodo* 3 faz alusão ao que procede: eu sou aquele que sou.⁵

Eckhart demonstra o enunciado *esse est Deus* com cinco argumentações de natureza lógica e com a impossibilidade de pensar o contrário. A primeira argumentação parte do seu contraditório: se o ser não fosse Deus, então Deus simplesmente não existiria, pois o ser, segundo a pressuposição, não se aplicaria a Ele. A alternativa possível, do ponto de vista lógico, seria: o ser aplica-se a Deus, mas não sob o modo da identidade; esta possibilidade, entretanto, não se sustenta e o porquê disso está na segunda

⁵ “Esse est Deus. Patet hec propositio. Primo, quia si esse est aliud ab ipso deo, deus nec est nec deus est. Quomodo enim est aut aliquid est, a quo esse aliud, a quo esse aliud, alienum et distinctum est? Aut si est deus, alio utique est, cum esse sit aliud ab ipso. Deus igitur et esse idem, aut deus ab alio habet esse. Et sic non ipse deus, ut praemissus est, sed alius ab ipso prius ipso est, ut praemissum est, sed aliud ab ipso prius ipso est, et est sibi causa ut sit. Preterea: omne quod est, per esse et ab esse habet quod fit sive quod est. Igitur si esse est aliud a deo, res ab alio habet esse quam a deo. Praeterea: ante esse est nihil, propter quod conferens esse creat et est creator. Creare quippe est dare esse ex nihilo. Constat autem quod omnia habent esse ab ipso esse, sicut omnia sunt alba ab albedine. Igitur si esse est aliud a deo, creator est aliud quam deus. Rursus 4º omne habens esse est quocumque alio circumscripto, sicut habens albedinem album est. Igitur si esse est aliud quam deus, res poterunt esse sine deo. Et sic deus non est prima causa, sed nec causa rebus quod sint. Amplius quinto: extra esse et ante esse est solum nihil. Igitur si esse est aliud quam deus et alienum deo, deus esset nihil, ut prius, esset ab alio a se et a priore se et illud esset ipsi deo deus et omnium deus. Premissis alludit illud *Exodi* 3: ego sum qui sum”. In: MÂITRE ECKHART. *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues*. Op. cit., p. 54-56. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

argumentação: porque Deus não seria Deus. Pensar em Deus como o criador de todas as coisas (e, portanto, como fundamento da realidade), sustentando também a diferença entre Deus e o ser, levaria à consequência de que as coisas devem sua existência ao ser, mas não a Deus. Dessa forma, porém, não seria possível afirmar que Deus é criador.

No *Prologus in Opus propositionum*, Eckhart retoma a sua tese *esse est Deus* e apresenta sua doutrina que estabelece uma relação entre o ser e as determinações transcendentais:

Como o branco denota somente a qualidade, como diz o Filósofo, assim o ente denota somente o ser. De forma semelhante, acontece no demais, por exemplo, o que é uno denota somente a unidade, o verdadeiro a verdade, o bom a bondade, o honesto a honestidade, o justo a justiça, e assim do demais e de seus opostos: por exemplo, o mal [denota] somente a maldade, o falso somente a falsidade, o oblíquo a obliquidade, o injusto a injustiça, e assim dos outros. Em segundo lugar, note-se antecipadamente que em um modo se deve pensar o ente e em um outro (modo) o ente [determinado] este e aquele. Semelhantemente, porém, deve-se dizer do ser absoluto e mais simples em nada acrescentado, e de outro modo do ser desta ou daquela [coisa]. No mesmo modo, contudo, diga-se de todas as outras coisas, por exemplo, do bem absoluto e em outro modo do deste bem, do bem deste e do bem para este. Pois quando digo que algo é, ou que é uno, verdadeiro e bom, e [estes termos] pertencem ao predicado como segundo adjacente, os quatro termos anunciados anteriormente devem ser entendidos em sentido formal e substantivo. Mas quando afirmo, sem dúvida, algo ser isto, por exemplo, uma pedra, e afirmo que é *uma* pedra, uma pedra verdadeira ou este bem, ou seja, uma pedra, os quatro termos considerados anteriormente devem ser entendidos como terceiro adjacente do predicado. Logo, note-se em forma preliminar, que só Deus é propriamente ente, uno, verdadeiro e bom. Segundo: que a partir dele todas as coisas são um, são verdadeiras e são boas. Terceiro: que a partir dele todas as coisas têm imediatamente que são, que são um, que são verdadeiras e que são boas. Quarto: quando digo este ente, ou [digo] este uno ou aquele, este verdadeiro e aquele, este bem e aquele, o ‘este’ e ‘aquele’ nada acrescentam de entidade, unidade, verdade ou bondade ao ente, ao uno, ao verdadeiro, ao bom. O primeiro dos quatro, quer dizer, que só Deus é propriamente ente, como é evidente em *Êxodo* 3: eu sou aquele que sou. Aquele que é, me enviou. E Jó: tu que somente és. No mesmo modo o Damasceno diz que o primeiro nome de Deus é «o que é». A este propósito cabe lembrar que Parmênides e Melisso, no Primeiro Livro da Física, admitiam um único ser, mas consideravam este ou aquele ente como múltiplo, por exemplo, o fogo e a terra e coisas semelhantes, como atesta Avicena em seu livro da Física,



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

que ele chama *Suficiência*. A este propósito, se pode lembrar *Deuteronômio* 6 e a *Carta aos Gálatas* 3: Deus é um só. Assim já é evidente a verdade da proposição proposta, na qual se diz: o ser é Deus. Por causa disso, a quem perguntar a respeito dele o quê ou quem é, se responde: *ser*, como em *Êxodo* 3: *eu sou aquele que sou*, e: *aquele que é*, como se disse antes. Novamente diga-se o mesmo acerca do uno, isto é, que somente Deus é propriamente uno ou é unidade, como em *Deuteronômio* 6: um só Deus é, desde que as palavras se entendam assim: Deus é uno. Com isto se coaduna Proclo e o *Líber de causas* que expressam frequentemente Deus com o nome de uno ou de unidade. Além disso: aquele uno é negação da negação, pois que compete só ao ser primeiro e pleno, qual é Deus, a respeito do qual não se pode negar nada, já que, ao mesmo tempo, possui antecipadamente e inclui todo ser.⁶

⁶ “Sicut album solam qualitatem signat, ut ait philosophus, sic ens solum esse signat. Similiter autem se habet et in aliis, puta quod unum solam unitatem signat, verum veritatem, bonum bonitatem, honestum honestatem, iustum iustitiam, et sic de aliis et horum oppositis, puta malum solam malitiam, falsum sola falsitatem, obliquum obliquitatem, iniustum iniustitiam, et sic de aliis. 2º prae notatum quod aliter sciendum est de ente et aliter de ente hoc et hoc. Similiter autem dicendum de esse absoluto et simpliciter nullo addito, et aliter de esse huius et huius. Similiter autem est dicendum de aliis, puta bono absolute et aliter de bono hoc aut bono huius et bono huic. Cum enim dico aliquid esse, aut unum, verum et bonum predico et in predicato cadunt tamquam secundum adiacens, premissa 4or et formaliter accipiuntur et substantive. Cum vero dico aliquid esse hoc, puta lapidem, et esse unum lapidem, verum lapidem, aut bonum hoc, scilicet lapidem, premissa iiiij accipiuntur ut tertium adiacens predicati. Notandum ergo prohemialiter primo, quod solus deus proprie est ens, unum, verum et bonum. 2º quod ab ipso omnia sunt unum, vera sunt et bona sunt. 3º quod ab ipso omnia immediate habent quod sunt, quod unum sunt, quod vera sunt, quod bona sunt. 4º quod cum dico hoc ens, aut unum hoc aut unum illud verum hoc et illud, bonum hoc et illud, li hoc et illud nihil prorsus addunt seu addiunt entitatis, unitatis, veritatis aut bonitatis super ens, unum, verum, bonum. Primum inter 4or, scilicet quod solus deus proprie est ens, patet *Exodi* 3: ego sum qui sum. Qui est [qui] misit me. Et Iob: tu qui solus es. Item Damascenus primum nomen dei dicit esse ‘quod est’. Ad hoc facit quod Parmenides et Melissus, I *Phisicorum*, ponebant tantum unus ens, ens autem hoc et illud ponebant plurima, puta ignem et terram et huiusmodi, sicut testatur Avicenna in libro suo *Phisicorum*, quem Sufficientiam vocat. Ad hoc rursus facit *Deut.* 6 et *Gal.* 3: deus unus est. Et sic iam patet veritas propositionis premissae qua dicitur: esse est deus. Propter quod quaerenti de eo, quid aut quis est, respondetur: esse, *Exodi* 3: *sum qui sum* et: *qui est*, ut prius. Rursus eodem modo se habet de uno, scilicet quod solus deus proprie unum aut unus est, *Deut.* 6: deus unus est, ut distinguatur sic littera: deus est unus. Ad hoc facit quod Proclus et *Líber de causas* frequenter et nomine unius aut unitatis deum exprimunt. Praeterea li unum est negatio negationis, propter quod soli primo et pleno esse, quale est



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

O mestre dominicano, na segunda advertência prévia, distingue o ente enquanto tal e o ente determinado *hoc et hoc*. A mesma coisa vale para os transcendentais, o uno, o verdadeiro e o bem. Essa distinção, antes formal, encontra uma determinação de conteúdo em quatro proposições fundamentais. A primeira afirma que o ser em si, e com ele o uno, o verdadeiro e o bom, condizem somente a Deus: “Somente Deus é, propriamente, ente, uno, verdadeiro, bom, mas cada um dos restantes é, este ente, como por exemplo a pedra, o leão, o homem etc., e este uno, este verdadeiro, este bem, como por exemplo um ânimo bom, um anjo bom, etc”.⁷

Segundo a tradição que deriva de João Damasceno, Eckhart cita primeiro o livro do Êxodo 3,14 (*Ego sum qui sum*), que exprime o verdadeiro nome de Deus. Esta citação é também o fundamento bíblico de toda a especulação cristã sobre o ser (que Étienne Gilson chama de metafísica do Êxodo)⁸. A segunda proposição afirma que todas as coisas têm o ser somente a partir de Deus, assim como o ser uno, o ser verdadeiro e o ser bom: “*a solo deo omnia habent esse, unum esse et verum esse et bonum esse*”.⁹ Com efeito, continua Eckhart, “como é que alguma coisa poderia ser se não fosse a partir do ser, ou ser uma [se não fosse] a partir do uno, ou pelo uno ou pela unidade, ou verdadeira

deus, competit, de quo nihil negari potest, eo quod omne esse simul prehabeat et includat”. In: MÂITRE ECKHART. *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues*. Op. cit. n. 2-6, p. 70-74. Tradução nossa.

⁷ “Solutus deus est ens, unum, verum, bonum proprie, reliquorum autem singulum est ens hoc, puta lapis, leo, homo e huiusmodi, et unum hoc, verum hoc, bonum hoc, puta bonus animus, bonus angelus et huiusmodi”. *Ibidem*, n. 8, p. 76. Tradução nossa.

⁸ Em “*L'esprit de la philosophie médiévale*”, Étienne Gilson não usa a expressão “metafísica do Êxodo” diretamente. No entanto, ele explora a influência do Êxodo na filosofia medieval, especialmente no que se refere à compreensão do ser e da relação entre Deus e o mundo, o que pode ser interpretado como uma metafísica específica derivada da experiência do Êxodo. Essa interpretação, embora não explícita no título, é central para o argumento de Gilson sobre a originalidade da filosofia medieval em relação à filosofia grega. Cf. GILSON, Etienne. *L'esprit de la philosophie médiévale*. Paris: Vrin, 1931.

⁹ MEISTER ECKHART. *Prologus generalis*. Op. cit., n. 9, p. 76.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

sem verdade, ou boa a não ser pela bondade, assim como – por exemplo – tudo o que é branco é pela brancura?”¹⁰

Em terceiro lugar, Eckhart explica que todo e qualquer ente não só tem seu ser a partir de Deus, mas tem-no imediata e absolutamente, sem qualquer tipo de mediação.¹¹ Finalmente, a quarta e última proposição fundamental diz como é o ser *hoc et hoc* em relação ao ser enquanto tal (*esse absolutum*): “Nada, pois, de entidade, unidade, verdade e bondade acrescentam e conferem inteiramente este ou aquele ente, este ou aquele uno, este ou aquele verdadeiro, este ou aquele bem enquanto este ou este”.¹² Das quatro proposições aduzidas pelo mestre dominicano, a mais importante é a terceira: “Além do ser e sem o ser todas as coisas [não] são nada, também as coisas criadas. Portanto, se algo além de Deus outorgasse o ser, Deus não daria o ser a todas as coisas, nem influenciaria alguma, ou aquilo que daria e influenciaria seria nada”.¹³

Esta afirmação tem muita importância na espiritualidade eckhartiana e se torna um motivo fundamental da sua pregação: “Todas as criaturas são um puro nada. Eu não

¹⁰ “Quomodo enim quippiam esset nisi ab esse, aut unum esset nisi ab uno aut per unum sive per unitatem, aut verum sine veritate, vel bonum nisi per bonitatem, sicut verbi gratia omne album albedine est album?”. In: MÂITRE ECKHART. *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues. Op. cit.* n. 9, p. 76. Tradução nossa. Esse exemplo, muitas vezes utilizado por Eckhart, se encontra na doutrina aristotélica das categorias. Cf. ARISTOTELE. *Metafísica*. G. Reale (org.). Milano: Rusconi, 1993, Livro Z 4, 1027 b 15 – 1030 a 3.

¹¹ “Omne ens et singulum non solum habet, sed et immediate, absque omni prorsus medio, habet a deo totum esse”. In: MÂITRE ECKHART. *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues. Op. cit.* n. 13, p. 80. Tradução nossa.

¹² “Nihil ergo entitatis, unitatis, veritatis et bonitatis penitus addit sive confert ens hoc auto hoc, unum hoc aut hoc, verum hoc aut istud, bonum hoc aut istud, in quantum hoc vel hoc”. *Ibidem*, n. 15, p. 84. Tradução nossa.

¹³ “Praeter esse et sine esse omnia sunt nihil, etiam facta. Igitur si quid aliud extra deum daret esse, deus non daret esse omnibus nec influeret quippiam, aut quod daret et influeret, esset nihil”. *Ibidem*, n. 22, p. 90. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llenguës i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

digo que elas sejam de pouco valor ou alguma coisa: elas são um puro nada”.¹⁴ E no *Comentário ao Evangelho de João* o dominicano afirma: “em toda coisa criada se adverte a sombra do nada”.¹⁵

No texto do *Prologus in Opus propositionum*, cabe ainda destacar, Eckhart ressalta a unicidade do ser com uma remissão a Parmênides. A esse respeito escreve Faggin: “é significativo o fato de que Eckhart cite Parmênides e Melisso, que ele conheceu através da *Metafísica* e da *Física* de Aristóteles: no Eleatismo, com efeito, se expressa, pela primeira vez no pensamento grego de forma tão rigorosa, a exigência monística, que Eckhart devia perceber tão congenial ao seu teocentrismo”.¹⁶

II. *Intelligere*

O *Intelligere* em Eckhart não se reduz à razão discursiva ou ao conhecimento intelectual. Trata-se de uma compreensão mística, uma intuição direta da verdade divina. Para ele, o verdadeiro conhecimento não é acumular informações, mas despojar-se de tudo o que é transitório e finito, a fim de alcançar a união com Deus. O mestre dominicano fala da necessidade de esvaziar a mente de conceitos e imagens, pois Deus está além de toda representação. Esse “desprendimento” (*Abgeschiedenheit*) é o caminho para a verdadeira compreensão. A alma que se esvazia de si mesma torna-se capaz de receber a luz divina, que ilumina e transforma. Nesse sentido, o *Intelligere* é um ato de união: ao compreender, a alma se une ao objeto de sua compreensão. Quando esse objeto é Deus, a alma experimenta uma união tão profunda que Eckhart chega a falar de uma “geração

¹⁴ “Alle Kreaturen sind ein reines Nichts. Ich sage nicht, daß sie geringwertig oder überhaupt etwas sein: sie sind ein reines *Nichts*“. MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate*. München: Carl Hanser Verlag, 5. Auflage, 1978, Predigt 4, p. 171. Tradução nossa.

¹⁵ “Res enim omnis creata sapit umbram nihili”. MEISTER ECKHART. *Expositio S. Evangelii secundum Joannem*. n. 2. Edição bilingue latim-francês: *Le Commentaire de l’Évangile selon Jean – Le Prologue (chap. 1, 1-18)*, (orgs.) A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn, Paris: Les Éditions du Cerf, 1989, n. 20, p. 56. Tradução nossa.

¹⁶ MEISTER ECKHART. *La Nascita Eterna – Antologia sistematica delle opere latine e tedesche*. Firenze: Sansoni ed., 1953. Introdução e notas: G. Faggin, p. 173. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

do Verbo” no interior do ser humano. Assim, a compreensão mística não é apenas um ato intelectual, mas um evento ontológico, em que a alma participa da vida divina.

Confrontando a teoria do ser eckhartiana presente no *Opus tripartitum* com as *Quaestiones parisienses*, fruto do primeiro magistério na Universidade de Paris em qualidade de *magister actu regens*, o contraste é evidente. A primeira *Quaestio parisiense*, com efeito, propõe a tese ousada e original que estabelece uma prioridade do *intelligere* em relação ao *esse*.¹⁷

Deve-se dizer que são a mesma coisa na realidade e talvez tanto na realidade quanto na razão. Primeiro apresento as provas que vi. Cinco [provas] são aduzidas na [*Summa Contra Gentiles*] e a sexta na primeira parte [da *Summa Theologiae*] e todas estão fundamentadas neste fato, que Deus é o primeiro e simples. Pois nada pode ser o primeiro se não for simples. O primeiro argumento é que entender é um ato imanente, e tudo o que está no primeiro, é primeiro. Logo, Deus é o próprio entender e é também o próprio ser.

Nessa questão há um distanciamento evidente da ontologia de Tomás de Aquino, que pode ser evidenciado em dois pontos:

1) para Tomás, as realidades existentes são produzidas pelo intelecto de Deus: “Deus causa a coisa pelo seu intelecto, pois o seu ser é seu inteligir”.¹⁸ Eckhart, não apenas torna o *intelligere* causa do *esse* na relação que intercorre entre o pensamento divino e a

¹⁷ MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere* (Se em Deus o ser e o entender é a mesma coisa). Essa questão, conservada no Código 1071 (séc. XIV) da Biblioteca de Avignon, transcrita por inteiro no texto organizado por Geyer, pertence ao primeiro período em que Eckhart ficou em Paris (1302-1304). Com toda probabilidade, os sermões nº. 52 e 81 em alemão (ed. Pfeiffer), e o sermão nº. 11 em latim (ed. Benz), foram redigidos nos mesmos anos, pois sustentam a mesma tese. É convicção comum entre os estudiosos de Eckhart que a tarefa de determinar a sucessão cronológica de suas obras é um problema de difícil solução. No final deste artigo há uma tradução atualizada realizada pelo mesmo autor. Cf. *infra*, p. 23.

¹⁸ “*Deus per intellectum suum causat res, cum suum esse sit suum intelligere*”. *Summa Theologiae*, I^a q. 14, a. E, Resp. In: DE AQUINO, Tomás. [Opera Omnia](#).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llenguës i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

criação, mas afirma que o intelecto, em Deus, possui a função de estabelecer o fundamento do ser: “Deus é intelecto e entender, e o próprio entender é o fundamento do seu ser”.¹⁹ Portanto, a pureza e a plenitude do ser competem a Deus em virtude do intelecto, que é superior ao ser. Deus, propriamente, é intelecto e não ser: uma reflexão ontológica, por conseguinte, é apenas preliminar, não apreendendo a essência divina. Uma consideração análoga pode encontrar-se no Sermão 10 “*Quasi stella matutina*”: “Deus opera acima do ser na vastidão, onde ele pode mover-se; ele opera no não-ser. Deus operava já antes que houvesse o ser; ele operava o ser antes mesmo de haver ser”.²⁰

2) Eckhart retoma os argumentos de Tomás de Aquino em favor da identidade de *esse* e *intelligere* em Deus,²¹ mas desde a primeira linha ele introduz uma dúvida: “*dicendum quod sunt idem re et forsan re et ratione*”.²² Para Tomás, *intelligere* e *esse* coincidem em virtude da simplicidade divina e pelo fato de Deus ser inteligente, mas permanecem sempre distintos; Eckhart, entretanto, estabelece entre os dois conceitos uma relação unívoca afirmando, logo em seguida, que “*intelligere dei sit id ipsum quod deus*”.²³

Na tradição tomista, apesar da identidade em Deus entre *intelligere* e *esse*, parece implícita uma superioridade do segundo em relação ao primeiro: Deus é o ser perfeito e *esse* é o nome mais apropriado para defini-Lo; seu *intelligere* é possível por causa do *esse* porque Ele opera tudo através do seu ser. Mas é justamente essa afirmação que, para Eckhart, é problemática, e por causa disso ele opera uma reviravolta sem precedentes. O mestre dominicano não dá continuidade à tradição da “metafísica do Êxodo” (assim designada por Étienne Gilson, um dos mais importantes historiadores da filosofia medieval), segundo a qual o ente verdadeiro ou supremo é Deus: querendo salvaguardar o primado

¹⁹ MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. Cf. *infra*, p. 25.

²⁰ MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate*. Op. cit., Predigt 10, p. 196.

²¹ “*Et hoc autem quod Deus est intelligens, sequitur quod suum intelligere sit sua essentia*”: mas do fato de que Deus é inteligente se segue que seu conhecer é sua essência. *Summa contra Gentiles*, livro 1, cap. 45, n. 1. In: DE AQUINO, Tomás, *Opera Omnia*.

²² MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. Cf. *infra*, p. 23.

²³ *Idem*.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

do *intelligere*, Eckhart afirma que a compreensão categorial de *esse* impede que ele seja aplicado a Deus.

O argumento principal que estabelece a superioridade do intelecto, na *Quaestio parisiense*, se desenvolve a partir da citação bíblica de João 1,1: “Terceiro, demonstro que, para mim, agora não parece que Deus entende por que é, mas é porque entende, de modo que Deus é intelecto e entender, e o próprio entender é o fundamento do seu ser. Pois está escrito em João 1,1: ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus’”.²⁴

Nesta passagem, o dominicano contrapõe *verbum* a *ens* e, baseando-se na citação joanina, reafirma a preeminência do primeiro em relação ao segundo, inclusive na realidade divina. A justificação disso é apresentada em forma de sequência: “Mas o evangelista não disse: em princípio era o ente e Deus era o ente. Ora, Verbo se refere totalmente ao intelecto e está aí como ação de dizer ou como palavra dita e não como ser ou ente misturado”.²⁵

O *intelligere* é fundamento porque o Verbo “era no princípio” e o evangelista afirma que Deus é *verbum* e não *ens*. Realçando isso, Eckhart evita a polissemia da noção de *esse* que, pelo fato de ser sinônimo de *ens*, é um sujeito possível de predicados. Ideia que Tomás de Aquino, ao invés, sempre rechaçou.²⁶

²⁴ MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. *Op. cit.* Cf. *infra*, p. 25.

²⁵ *Idem*.

²⁶ O sistema metafísico do Aquinate pode ser muito bem representado pelo *opusculum De ente et essentia*, escrito entre 1252 e 1253. (Cf. DE AQUINO, Tomás. *De Ente et Essentia*. Tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Apresentação de Francisco Benjamin de Souza Netto. Petrópolis: Vozes, 1995). O *ente* e a *essência* são conceitos fundamentais, porque implícitos em todos os outros («que *primo intellectu concipiuntur*», Prólogo 1) e, portanto, Tomás se propõe, primeiramente, de «dizer o que é significado pelo nome de essência e de ente» e, em seguida, de especificar «como [a essência] se encontra em diversos»; enfim, «como está para as intenções lógicas, isto é, o gênero, a espécie e a diferença» (Prólogo 1). O ente é o concreto, enquanto a essência é o abstrato, porque a nossa experiência é de entes, de coisas concretas; delas, nós podemos indagar o que é que as constitui como tais, ou seja, sua



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Prosseguindo na sua argumentação, o mestre dominicano entende o ser como limitado e finito:

E segue-se, após ter considerado o Verbo em João 1: *Todas as coisas foram feitas por ele*, para que assim se entenda: todas as coisas foram feitas por ele para que este mesmo ser convenha a elas [a essas coisas] em seguida. Por isso o autor do *De Causis* afirma: «o ser é a primeira das coisas criadas». De onde, logo que alcançamos o ser, alcançamos a criatura. Portanto o ser tem, em primeiro lugar, valor de coisa criável. [...] Por isso Deus, que é criador e não é criável, é intelecto e conhecimento, e não ente ou ser.²⁷

Depois dessa primeira limitação, Eckhart exclui Deus do âmbito do ser porque Ele não pode ser confundido com a criação. A referência, agora, não é mais Tomás de

essência. Ora, o ente pode ser entendido em dois modos: «*uno modo quod divitur per decem genera, alio modo quod significat propositionum veritatem*» (Cap. 1, 3). Quer dizer: o ente pode ser real ou lógico, como Aristóteles já distinguira na *Metafísica* (Livro Δ, 7, 1017^a 31). O ente real se divide nas dez categorias; o ente lógico indica apenas a verdade de uma proposição, e é indicado pela cópula: o verbo ser, com efeito, é utilizado também para expressar ligações de conceitos, que são verdadeiras enquanto conectam corretamente aqueles conceitos, mas não exprimem a existência dos conceitos que unem. O ente real significa, principalmente, a essência e, sendo que o ente, nessa acepção, se divide nas dez categorias, é necessário que o termo «essência» designe algo que é comum a todas as realidades que se colocam nos diferentes gêneros e nas relativas espécies. «E, visto que aquilo pelo que a coisa é estabelecida no próprio gênero ou espécie é isto que é significado pela definição, indicando o que a coisa é, daí vem que o nome da essência é transformado pelos filósofos no nome de *quiddidade*; e isto é o que o Filósofo denomina frequentemente ‘aquilo que algo era a ser’» (*De Ente et Essentia*, Cap. 1, 5), quer dizer, o princípio constitutivo do ente sob o aspecto formal. Um valor semelhante pode ser atribuído ao termo «natureza» que, porém, designa a essência enquanto princípio de operações: todo ser existe com uma determinada essência e opera segundo a própria essência, em consequências tem uma natureza (o homem fala e o cachorro late, porque cada qual age de acordo com a própria natureza, isto é, em conformidade com a própria essência; logo, pertencem a duas espécies diferentes). O ente se diz, em sentido primário, da substância e, em segundo lugar, dos acidentes. As substâncias, por sua vez, se dividem em simples e compostas: «em ambas há essência, mas nas simples de um modo mais verdadeiro e nobre, de acordo com o que, têm também um ser mais nobre; são, com efeito, causa das que são compostas, pelo menos a substância primeira e simples que é Deus» (*De Ente et Essentia*, Cap. 1, 8).

²⁷ MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere. Op. cit. Cf. infra*, p. 26.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Aquino, mas o *Líber de Causis*. O ser diz respeito somente à criação, enquanto no Verbo as coisas subsistem anteriormente ao ato de receber uma existência criada.

E para mostrar isso assumo primeiro que entender é mais elevado que ser e de outra ordem. Todos nós dizemos que a obra da natureza é obra da inteligência. Portanto, tudo que move é inteligente ou se reduz a um inteligente, que o dirige no movimento. Assim, os que têm intelecto são mais perfeitos do que os que não têm. Do mesmo modo que no vir-a-ser os imperfeitos ocupam o primeiro grau, na inteligência e no intelecto está a resolução última, como no mais alto e perfeíssimo. Por isso, entender é superior ao ser.²⁸

Pelo fato de “ser” significar “ser criado”, propriedade dos entes finitos e limitados, não pode ser atribuído nem a Deus e nem ao intelecto. Os seres dotados de intelecto são os mais perfeitos, afirma o mestre dominicano, de acordo com o princípio pelo qual “a obra da natureza é obra da inteligência”.²⁹ A superioridade do intelecto se dá em virtude de ele ser princípio de todo ser e de estar acima do puro existir; o lugar dele é a alma, não como o ser que está nas coisas: “as coisas que pertencem ao intelecto, enquanto tais, são não-entes”.³⁰

A caracterização do *esse* é antitética ao *intelligere*:

- o primeiro tem um fundamento: *Deus sit universalis causa entis*;
- é causado: *est de ratione entis, quod sit causatum*, enquanto
- o *intelligere* não tem uma causa: *de cuius ratione non est quod causam habeat*,
- e contém virtualmente todas as coisas: *in ipso intelligere omnia continentur*.

Afirmando categoricamente que, em Deus, não há nem o ente nem o ser, Eckhart declara que a criação está em condição de total dependência e de absoluta distinção com respeito ao criador: “E se quiseses chamar ‘ser’ ao ‘entender’, por mim tudo bem.. Digo, contudo, que se em Deus há algo que tu quiseses chamar de ser, cabe-lhe pelo próprio conhecer”.³¹ Entretanto, a um certo ponto da argumentação, o dominicano faz

²⁸ *Idem*.

²⁹ *Idem*.

³⁰ *Ibidem*. Cf. *infra*, p. 27.

³¹ *Ibidem*. Cf. *infra*, p. 28.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llenguïes i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

uma espécie de concessão prevendo, quiçá, uma possível objeção. O ser, nesse caso, não é o ser criado, mas a *puritas essendi*, cujo fundamento está no intelecto:

Além disso, o princípio nunca é principiado, como o ponto nunca é linha. Assim, sendo Deus o princípio – ou do próprio ser ou do ente –, Deus não é o ser da criatura. Nada do que está na criatura está em Deus, senão como em sua causa, e não formalmente.³²

A argumentação, em seguida, traz à tona a teoria da causalidade mas, aqui, o sentido de causa não é o sentido aristotélico.³³ Eckhart entende *causa* como *principium*: todas as coisas estão virtualmente no intelecto mas, *formaliter*, causa e feito não podem subsistir juntos.

Além disso, nas coisas ditas por analogia, o que está formalmente em um dos analogados, não está formalmente nos outros. Assim, a saúde está formalmente apenas no animal; na dieta ou na urina, não há mais saúde do que numa pedra. Portanto, sendo todos os causados entes formalmente, Deus formalmente não será ente.³⁴

Enfim, Eckhart apresenta alguns exemplos de analogia para justificar a não-entidade de Deus, pois o analogado está formalmente em apenas um dos termos (ele cita o exemplo da saúde no animal, na comida, na urina e na pedra). Esses exemplos não deixam de ser insólitos na estrutura da argumentação (deveria ser enfatizada, de fato, mais a presença do que a ausência do analogado em Deus). Em seguida, no *Prologus in opus propositionum*, o mestre dominicano usará o mesmo tipo de analogia (porém em sentido contrário) para atribuir o ser a Deus, causa de todas as coisas, enquanto as criaturas permanecem desprovidas de ser próprio. Essa contradição, contudo, pode ser explicada como uma mudança de perspectiva que deixa inalterada a relação fundamental entre Deus e a criação. Quando Eckhart afirma *esse est Deus*, está manifestando uma

³² *Idem*.

³³ Para Aristóteles as causas devem ser necessariamente finitas quanto ao número e, pelo que ser refere ao mundo do devir, são as quatro seguintes: 1) causa *formal*, 2) causa *material*, 3) causa *eficiente* e 4) causa *final*. Cf. ARISTÓTELE. *Metafísica*. *Op. cit.* Livro A 3-10.

³⁴ MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. *Op. cit.* Cf. *infra*, p. 29.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

diferenciação do conceito de *esse*: se “ser” caracteriza o ente finito, Deus é *intelligere* e não há nele a *ratio entis*; se, ao invés, Deus é caracterizado pela *puritas essendi*, a criação não pode haver o ser em si mesmo. Um elemento, porém, permanece inalterado quando o discurso verte sobre o ser, a saber, a referência à criação e a tentativa de compreender a relação desta com Deus: não há possibilidade de estabelecer uma comparação entre Deus e as criaturas, e a relação entre os dois só pode seguir a direção que vai dessas para Aquele. A teoria da causalidade de Eckhart ajuda entender esse conceito.

III. *Vivere*

O *Vivere* no pensamento do turingio não se limita à existência biológica. Trata-se de uma vida plena, que brota da união com Deus. Para ele, a verdadeira vida é aquela que flui do Ser e da Compreensão, ou seja, da participação na vida divina. Eckhart ensina que o ser humano deve viver de modo a expressar a presença de Deus em si. Isso implica uma vida de desapego, humildade e amor. O desapego liberta o ser humano das amarras do ego e das coisas materiais, permitindo que ele viva em conformidade com a vontade divina. A humildade abre o coração para a graça de Deus, e o amor é a expressão máxima da vida divina no mundo.

Em seus sermões, Eckhart frequentemente usa a imagem do “nascimento de Deus na alma”. Esse nascimento não é um evento único, mas um processo contínuo, em que a alma se renova constantemente pela presença divina. Viver, portanto, é participar desse dinamismo eterno, em que o humano e o divino se encontram.

A relação entre o Pai e o Filho, no pensamento eckhartiano, não tem somente uma relevância teológica, mas é também um evento gnosiológico e se realiza no fundo da alma, no intelecto: “O Pai gera seu Filho no eterno conhecimento, totalmente o Pai



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

gera assim seu Filho na alma como na sua própria natureza”.³⁵ A teoria trinitária, portanto, é também teoria do conhecimento e do *logos*, que é gerado e proferido. Meister Eckhart tem uma propensão para explicar o termo latim *verbum* com a palavra grega *logos* e não vice-versa.³⁶ Para justificar esse uso peculiar de *verbum*, o mestre dominicano cita Agostinho:

No princípio era o Verbo. O que em grego se diz *logos*, em latim significa seja *ratio* seja *verbum*. Mas, neste lugar, o interpretamos melhor como *verbum*, para que signifique não somente em relação ao Pai, mas também àquelas coisas que, por meio do Verbo, se tornaram potência operativa.³⁷

Além de utilizar uma citação do bispo de Hipona (*De divinae quaestionibus* q. 63), Eckhart opera uma mudança de perspectiva: com efeito, Agostinho prefere o termo *verbum* porque este compreende também a referência à criação, pois, como a maioria dos teólogos latinos dos primeiros séculos, o *logos* eterno precisa ser esclarecido em relação à linguagem e à sua manifestação. Eckhart, ao invés, querendo justificar o uso de *verbum* como sinônimo de *ratio*, reduz ao mínimo a diferença entre os dois termos e se concentra exclusivamente no *logos* eterno. Assim se compreende o porquê Eckhart utiliza a expressão “nascimento do *logos*”, e não “nascimento do *verbum*” (ou de *Wort*, em alemão): o termo grego expressa melhor o intelectualismo do seu projeto e ele reconhece em *verbum*, antes que um elemento linguístico autônomo, aquilo que está ligado ao significado de *logos*. Como se pode notar, no arcabouço especulativo eckhartiano falta um aprofundamento do problema linguístico, assim como a

³⁵ “Der Vater gebiert seinen Sohn im ewigen Erkennen, und ganz so gebiert der Vater seinen Sohn in der Seele wie in seiner eigenen Natur”. MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate*. Op. cit., Predigt 4, p. 172. Tradução nossa.

³⁶ SACCON, Alessandra. *Nascita e Logos – Conoscenza e teoria trinitaria in Meister Eckhart*. Napoli: La città del sole, 1998, p. 106-107.

³⁷ “In principium erat verbum. Quod graecae logos dicitur, latine et rationem et verbum significat. Sed hoco loco melius verbum interpretamur, ut significetur non solum ad patrem respectus, sed ad illa etiam quae per verbum facta sunt operativa potentia”. MEISTER ECKHART. *Expositio S. Evangelii secundum Iohannes*. Op. Cit., n. 28, p. 64. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

determinação de um conteúdo histórico determinado. De fato, a palavra *verbum* é caracterizada como totalmente interior ao intelecto: “A palavra pertence ao intelecto e se chama *verbum*, assim como ela está e subsiste no intelecto”.³⁸

A reflexão de Eckhart, portanto, não se detendo no aspecto linguístico como fato histórico concreto, e nem no fato de ele permitir a comunicação verbal e a relação interpessoal, se fixa exclusivamente no aspecto específico da palavra imanente ao intelecto. Entretanto, a palavra humana não está totalmente desprovida de importância e mantém seu valor enquanto expressão de uma realidade interior profunda:

Eu disse certa vez: aquilo que pode ser expresso com um significado próprio em palavras, deve proceder de dentro para fora e mover-se através da forma interior, não, ao invés, de fora para dentro, mas sim: do interior ele deve sair para o exterior. Isso vive propriamente na parte mais íntima da alma. Lá todas as coisas estão presentes a ti, interiores, vivas, procurando, e (lá) estão na parte melhor e mais alta.³⁹

O primado da interioridade enseja reflexões em vários níveis:⁴⁰

- *a interioridade é critério de verdade*: esta não é somente *adaequatio rei et intellectus*, mas tem sua origem no lugar mais íntimo da alma humana. A palavra é verdadeira na medida em que nasce da imagem interior. No recôndito da alma, a palavra nasce como *logos*, origem de todas as palavras.

³⁸ “Das Wort eignet der Vernunft und heißt *verbum*, so wie es in der Vernunft ist und steht”. MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate*. *Op. cit.*, Predigt 33, p. 312. Tradução nossa.

³⁹ “Ich sagte einst: Was im eigentlichen Sinne in Worten geäußert werden kann, das muß von innen heraus kommen und sich durch die innere Form bewegen, nicht dagegen von außen herein kommen, sondern: Von innen muß es heraus kommen. Es lubt recht eigentlich im Innersten der Seele. Dort sind dir alle Dinge gegenwärtig und im Innern lebend und suchend und sind (dort) im Besten und im Höchsten”. *Ibidem*, Predigt 4, p. 170. Tradução nossa.

⁴⁰ Cf. SACCON, Alessandra. *Op. cit.*, p. 129-137.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llenguïes i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

- *O ser ideal das coisas tem prioridade*, pois o verdadeiro ser, para Eckhart, é o que está na alma, não o ser exterior.

- *O conhecimento humano participa do evento da criação*. No Comentário ao livro do Gênesis, o mestre dominicano, após distinguir a presença de um duplo ser, falando do *verbum* escreve:

de fato, aquilo que em si, enquanto feito ou criado, está no mundo exterior, é vida no mesmo verbo, quanto ao primeiro ser [= o ser virtual]; a arca é realizada na matéria, enquanto na mente do artífice não é feita, mas é uma certa vida ou viver. Conhecer, com efeito, é própria e verdadeiramente viver para aqueles que conhecem, e viver é ser.⁴¹

O elemento novo dessa concepção é que o conhecimento humano participa do mesmo evento no qual as coisas são criadas: “No meu nascimento (eterno) foram geradas todas as coisas, e eu fui a causa de mim mesmo e de todas as coisas”.⁴²

Priorizando a interioridade, Eckhart faz um convite a reproduzir o mesmo evento vital no qual o *logos* torna as coisas presentes e vivas. Uma consequência ulterior é que a vida, propriamente, se encontra somente em Deus: “Somente Deus, enquanto fim último e primeiro motor, vive e é vida”.⁴³ Para o mestre dominicano, o que não é Deus não está em Deus, ou seja, no seu *logos* que é vida, e, portanto, está morto; assim sendo, entre a criatura (exterior a Deus) e o ser vivente (imanente a Ele) há uma oposição flagrante: “O ser vivente, enquanto vivo, é incriado e incriável. Consequência disso é que, toda

⁴¹ “Ipsum enim quod in se est extra, utpote factum sive creatum, in ipso verbo est vita, quantum ad primum esse, sicut arca extra in materia facta est, in mente autem artificis non est facta, sed vita quaedam sive quoddam vivere. Cognoscere siquidem proprie et vere vivere est cognoscentibus et vivere esse”. MEISTER ECKHART. *Expositio Libri Genesis. Op. cit.*, § 78, p. 338. Tradução nossa.

⁴² “In meiner (ewigen) Geburt wurden alle Dinge geboren, und ich war Ursache meiner selbst und aller Dinge”. MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate. Op. cit.*, Predigt 32, p. 308. Tradução nossa.

⁴³ “Solus deus, utpote finis ultimus et movens primum, vivit et vida est”. MEISTER ECKHART. *Expositio S. Evangelii secundum Johannes. Op. cit.*, n. 62, p. 128. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

vez que for encontrado o puro e o simples viver, de forma que não haja outro ser exceto o viver, ele é incriado”.⁴⁴

É possível reconhecer, aqui, a superioridade do *vivere* e do *intelligere* em relação ao *esse*, como Eckhart afirma na primeira *Quaestio parisiense*: “Terceiro, demonstro que, para mim, agora não parece que Deus entende porque é, mas é porque entende, de modo que Deus é intelecto e entender, e o próprio entender é o fundamento do seu ser”.⁴⁵ A criação, diante de Deus, é um puro nada, não possui nem vida e nem estabilidade: só no *vivere* e no *intelligere* se atinge a *puritas essendi*, que está além do ser e que é um atributo próprio da divindade. A palavra proferida se torna repetição do *logos* divino, no qual “aquilo que foi feito nele era a vida”.⁴⁶

Consequentemente, o ato de falar não possui um mero caráter instrumental, nem a palavra exterior é algo cuja importância é relativa, aliás: na medida em que, no homem, o nascimento do *logos* se torna realidade, através dele e dentro dele o mesmo homem pode conhecer uma palavra adequada sobre Deus, uma palavra verdadeira na qual Deus continua a ser engendrado e expresso. É interessante realçar esse dinamismo ínsito na palavra: ela, em si, é produzida por quem fala, mas participa também da capacidade de produzir uma realidade interior. Logo, se ela não for uma simples tradução e nem uma mera informação, só pode ser comunicação de uma realidade transcendente.⁴⁷

⁴⁴ “Vivum in ratione vivi increatum est et increabile. Hinc est quod unicumque invenitur purum et simplex vivere, ita non sit esse aliud praeter vivere, increatum est”. MEISTER ECKHART. *Expositio Libri Genesis*. *Op. cit.*, § 112, p. 378. Tradução nossa.

⁴⁵ MEISTER ECKHART. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. *Op. cit.* Cf. *Infra* p. 25.

⁴⁶ “Quod factum est in ipso vita erat”. MEISTER ECKHART. *Expositio S. Evangelii secundum Johannes*. *Op. cit.*, n. 61, p. 128.

⁴⁷ Ou, como afirma Saccon, “a palavra não é transmissão e manifestação de um conteúdo, mas dela mesma e de sua origem; tem uma dupla função reveladora: em primeiro lugar não do conteúdo, mas daquele que a exprime. A palavra opera, então, uma transformação ontológica, não uma simples comunicação.” – SACCON, Alessandra. *Op. cit.*, p. 149.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Desse ponto de vista, palavra interior e palavra proferida não estão em posições limítrofes, mas são a mesma realidade considerada de duas perspectivas diferentes: se é necessário que toda palavra nasça na profundidade da alma, qualquer palavra exterior pode ser manifestação desse nascimento: não há lugares privilegiados, palavras privilegiadas, pessoas privilegiadas. O resultado é, portanto, uma visão absolutamente não hierárquica e, pelo menos sob certos aspectos, “secularizada”: “é possível pronunciar sermões em alemão ou em latim, os interlocutores podem ser indiferentemente clérigos, leigos, mulheres, sábios ou ignorantes; todos têm a possibilidade de compreender e, ainda que alguém ache não estar entendendo, no fundo da alma há uma centelha que compreende”.⁴⁸

Conclusão

A análise dos conceitos de *esse*, *intelligere* e *vivere* em Meister Eckhart revela a profundidade especulativa e a força espiritual de sua obra. O *esse*, entendido como identidade com Deus, constitui a base de toda realidade, mas é relativizado quando se considera que, no horizonte eckhartiano, o verdadeiro fundamento está no *intelligere*. O intelecto, em sua pureza e simplicidade, transcende o ser criado e abre a alma à participação na vida divina. Finalmente, o *vivere* aparece como expressão suprema dessa união: viver é tornar-se partícipe do Logos eterno, em um dinamismo de desapego, interioridade e nascimento contínuo de Deus na alma.

Eckhart, assim, não apenas reconstrói as categorias centrais da metafísica medieval, mas as transfigura em chave mística, mostrando que a plenitude do ser humano se realiza na superação de toda finitude e na inserção na vida do próprio Deus.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 152.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

Fontes

- ARISTOTELE. *Metafísica*. G. Reale (org.). Milano: Rusconi, 1993.
- ECKHART VON HOCHHEIM. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. Intr. e trad. de: B. Mojsisch. In: *Bochumer Philosophisches Jahrbuch für Antike und Mittelalter* 4 (1999), p. 179-197.
- MEISTER ECKHART. *Deutsche Predigten und Traktate*. München: Carl Hanser Verlag, 5. Auflage, 1978.
- MEISTER ECKHART. *La Nascita Eterna – Antologia sistematica delle opere latine e tedesche*. Intr. e notas: G. Faggin. Firenze: Sansoni ed., 1953., p. 173
- MÂITRE ECKHART. *Le Commentaire de la Genèse précédé des Prologues*. Edição bilingue latim-francês. A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn (orgs.). Paris: Les Éditions du Cerf, 1984.
- MÂITRE ECKHART. *Expositio S. Evangelii secundum Joannem*. n. 2. Edição bilingue latim-francês: *Le Commentaire de l'Évangile selon Jean – Le Prologue (chap. 1, 1-18)*, (orgs.) A. De Libera, E. Wéber, E. Zum Brunn, Paris: Les Éditions du Cerf, 1989.
- TOMÁS DE AQUINO. [*Opera Omnia*](#).
- TOMÁS DE AQUINO. *De Ente et Essentia*. Trad. de Carlos Arthur R. do Nascimento. Apres. de Francisco Benjamin de Souza Netto. Petrópolis: Vozes, 1995.

Bibliografia

- GILSON, Étienne. *L'esprit de la philosophie médiévale*. Paris: Vrin, 1931.
- SACCON, Alessandra, *Nascita e Logos – Conoscenza e teoria trinitaria in Meister Eckhart*. Napoli: La città del sole, 1998.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Anexo: Se em Deus ser e entender são a mesma coisa⁴⁹

1. Deve-se dizer que são a mesma coisa na realidade e talvez tanto na realidade quanto na razão. Primeiro apresento as provas que vi. Cinco [provas] são aduzidas na [*Summa Contra Gentiles*] e a sexta na primeira parte [da *Summa Theologiae*] e todas estão fundamentadas neste fato, que Deus é o primeiro e simples. Pois nada pode ser o primeiro se não for simples. O primeiro argumento é que entender é um ato imanente, e tudo o que está no primeiro, é primeiro. Logo, Deus é o próprio entender e é também o próprio ser.⁵⁰ Segundo, porque em Deus não há acidente, e, portanto, em Deus ser e essência são a mesma coisa. Assim, o entender de Deus é o próprio Deus e sua essência.⁵¹ Terceiro, porque nada é mais nobre que o primeiro. Mas o entender é ato segundo em relação ao intelecto, como o ato do sentido é a vigília da alma em relação ao sono, e isso é mais nobre do que o ato primeiro. Logo, segue-se que entender é o próprio ser de Deus.

2. Quarto, porque em Deus não há nenhuma potência passiva. Mas haveria, se entender e ser não fossem a mesma coisa em Deus. Quinto, porque toda coisa existe por sua operação. Se, portanto, o entender fosse algo distinto do ser de Deus, isso daria a Deus um fim outro que Ele mesmo e outro do que aquilo que Ele é. O que é impossível, pois o fim é causa; não se pode, no entanto, dar uma causa ao primeiro.

⁴⁹ Para o texto em latim dessa *quaestio* cf. ECKHART VON HOCHHEIM. *Utrum in Deo sit idem esse et intelligere*. Introdução e tradução de: B. Mojsisch, In: *Bochumer Philosophisches Jahrbuch für Antike und Mittelalter* 4 (1999), p. 179-197.

⁵⁰ “Dicendum quod sunt idem re et forsan re et ratione. Primo induco probationes, quas vidi. Quinque ponuntur contra gentiles et sexta in prima parte et omnes fundantur in hoc, quod deus est primum et simplex. Non enim potest aliquid esse primum, si non sit simplex. Prima via est, quia intelligere est actus immanens et quidquid est in primo, est primum. Ergo deus est ipsum suum intelligere et est etiam suum esse”. Tradução nossa.

⁵¹ “Secundo, quia in deo non est accidens et in deo per consequens est idem esse et essentia. Cum igitur intelligere dei sit id ipsum quod deus, et sua essentia”. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Além disso, porque o primeiro é infinito, e ao infinito não há fim.⁵² Sexto: entender se relaciona à espécie como o ser se relaciona à essência. Mas a essência divina ocupa o lugar de espécie. Portanto, como em Deus o ser é o mesmo que a essência, todas essas coisas são totalmente idênticas Nele.⁵³

3. Segundo, demonstro isso por uma via que mencionei anteriormente. Embora “homem” e “racional” se convertam, não é porque é racional que é homem, mas antes, porque é homem, é racional. Está claro, no entanto, que, se o ser for perfeito, por ele se obtém tudo – viver, entender e agir de qualquer modo –, e não é necessário acrescentar nada para realizar qualquer ação. Pois, se o fogo, por sua forma, pudesse tudo – ser e aquecer –, então a forma do fogo, pela qual é fogo, teria tudo isso, sem adição ou composição. Assim, como o ser em Deus é o melhor e mais perfeitíssimo, ato primeiro e perfeição de todos os atos, que, sendo suprimido, tudo seria nada, Deus, por seu próprio ser, opera tudo – interna e divinamente, e externamente nas criaturas –, a seu modo. E assim, em Deus, o próprio ser é o próprio entender, pois é por esse ser que Ele opera e entende.⁵⁴

⁵² “Quinto, quia omnis res est propter suam operationem. Si igitur intelligere sit aliud ab esse dei, erit dare finem ipsi deo alium a se et ab eo, quod est. Quod est impossibile, quia finis est causa; non est autem dare primo causam. Item, quia primum est infinitum et infiniti non est finis”. Tradução nossa.

⁵³ “Sexto sic, quia sic se habet intelligere ad speciem, sicut se habet esse ad essentiam. Essentia autem divina se habet loco speciei. Ergo cum in deo esse sit idem essentiae, et ideo omnia ista sunt ibi omnino idem”. Tradução nossa.

⁵⁴ “Secundo hoc ostendo via, quam dixi alias. Licet homo et rationale convertantur, non idem quia rationale, ideo homo, sed magis quia homo, ideo rationalis. Certum est autem, quia, si esse sit perfectum, per ipsum habentur omnia, et vivere et intelligere et agere quodcumque, nec oportet addere aliquid aliud propter quamcumque actionem habendam, quia si ignis per formam suam posset omnia, et esse et calefacere, forma ignis per quam esset ignis, omnia ista posset nec esset additio nec compositio. Cum igitur esse in deo sit optimum e perfectissimum, actus primus et omnium perfectio omnes actus perficiens, quo sublato omnia nihil sunt, ideo deus per ipsum suum esse omnia operatur et intrinsecus [et] in deitate et extrinsecus in creaturis, suo tamen modo; et sic in deo ipsum esse est ipsum intelligere, quia ipso esse operatur et intelligit”. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llenguïes i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
 ISSN 1676-5818

4. Terceiro, demonstro que, para mim, agora não parece que Deus entende por que é, mas é porque entende, de modo que Deus é intelecto e entender, e o próprio entender é o fundamento do seu ser. Pois está escrito em João 1,1: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. O evangelista não disse: “No princípio era o ente, e Deus era o ente”. O Verbo, porém, é todo voltado ao intelecto, sendo dito ou dizendo, e não ser ou ente em mistura. Também diz o Salvador em João 14,6: “Eu sou a verdade”. Ora, a verdade pertence ao intelecto e implica ou inclui uma relação. Mas a relação tem todo o seu ser a partir da alma, e, assim, pertence ao predicamento real – assim como o tempo, embora tenha seu ser da alma, é espécie da quantidade do predicamento real. Assim, “Eu sou o da verdade”. Agostinho trata essa palavra no *De Trinitate*, livro VIII, capítulo 2. Fica claro, então, que a verdade pertence ao intelecto, assim como o Verbo. E em João 1 continua: “Tudo foi feito por Ele”, de modo que se leia: “tudo foi feito por Ele, para que o próprio ser se ajustasse às coisas feitas”. Onde o autor do *De causis* afirma: “O primeiro dos entes criados é o ser”. Assim, quando chegamos ao ser, já estamos na criatura. O ser, então, tem primeiramente razão de criatura, e por isso dizem alguns que, na criatura, o ser apenas se refere a Deus como causa eficiente, e a essência como causa exemplar. A sabedoria, porém, que pertence ao intelecto, não tem razão de criatura. E se se disser que sim, pois em Eclesiástico 24,14 lemos: “Desde o princípio e antes dos séculos fui criada”, pode-se interpretar “criada” como “gerada”. Mas eu digo de outra forma: “Desde o princípio e antes dos séculos fui criada”; e assim, Deus, que é criador e não criável, é intelecto e entender, e não ente ou ser.⁵⁵

⁵⁵ “Tertio ostendo, quod non ita videtur mihi modo, ut quia sit, ideo intelligat, sed quia intelligit, ideo est, ita quod deus est intellectus et intelligere et est ipsum intelligere fundamentum ipsius esse. Quia dicitur Joh. I,1: In principio erat Verbum et Verbum erat apud deum et deus erat Verbum. Non autem dixit Evangelista: In principio erat ens et deus erat ens. Verbum autem se toto est ad intellectum et est ibi dicens vel dictum et non esse vel ens commixtum. Item dicit Salvator Joh. XIV, 6: Ego sum veritas. Veritas autem ad intellectum pertinet importans vel includens relationem. Relatio autem totum suum esse habet ab anima et ut sic est praedicamentum reale, sicut quamvis tempus suum esse habet ab anima, nihilominus est species quantitatis realis praedicamenti. Ego ergo sum qui veritatis. Quod verbum tractat Augustinus VIII De trinitate cap. 2. Unde patet veritatem ad intellectum pertinere sicut et verbum, et sequitur post verbum assumptus Joh. I: Omnia per ipsum facta sunt, ut sic legatur:



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

5. E para mostrar isso assumo primeiro que entender é mais elevado que ser e de outra ordem. Todos nós dizemos que a obra da natureza é obra da inteligência. Portanto, tudo que move é inteligente ou se reduz a um inteligente, que o dirige no movimento. Assim, os que têm intelecto são mais perfeitos do que os que não têm. Do mesmo modo que no vir-a-ser os imperfeitos ocupam o primeiro grau, na inteligência e no intelecto está a resolução última, como no mais alto e perfeitíssimo. Por isso, entender é superior ao ser.⁵⁶

6. Alguns, porém, dizem que ser, viver e entender podem ser considerados de dois modos: um, em si mesmos – e então primeiro é ser, depois viver, e por fim entender; outro, em comparação com o participante – e então primeiro é entender, depois viver, por fim ser. Eu, porém, creio totalmente o contrário. No princípio estava o Verbo, que se refere totalmente ao intelecto, e assim o entender ocupa o primeiro grau nas perfeições, depois o ser ou o ente.⁵⁷

omnia per ipsum facta sunt, ut ipsis factis ipsum esse post conveniat. Unde dicit auctor de causis: «Prima rerum creaturarum est esse». Unde statim cum venimus ad esse, venimus ad creaturam. Esse ergo habet primo rationem creabilis, et ideo dicunt aliqui, quod in creatura esse solum respicit deum sub ratione causae efficientis, essentia autem respicit ipsum sub ratione causae exemplaris. Sapientia autem, quae pertinet ad intellectum, non habet rationem creabilis. Et si dicatur, quod immo, quia Eccli. XXIB,14: Ab initio et ante saecula creata sum, potest exponi creata, idest genita. Sed aliter dico sic: Ab a initio et ante saecula creata sum; et ideo deus, qui est creator et non creabilis, est intellectus et intelligere et non ens vel esse”. Tradução nossa.

⁵⁶ “Et ad ostendendum hoc assumo primo, quod intelligere est altius quam esse et est alterius conditionis. Dicimus enim omnes, quod opus naturae est opus intelligentiae. Et ideo omne movens est intelligens aut reducitur ad intelligentem, a quo in suo moto dirigitur. Et ideo habentia intellectum sunt perfectiora non habentibus, sicut in ipso fieri imperfecta tenent primum gradum, ita quod in intellectu et intelligente stat resolutio sicut in summo et perfectissimo. Et ideo intelligere est altius quam esse”. Tradução nossa.

⁵⁷ “Dicunt tamen aliqui, quod esse, vivere et intelligere dupliciter possunt considerari: Uno modo secundum se, et sic prius est esse, secundo vivere, tertio intelligere; vel in comparatione ad participantem, et sic prius est intelligere, secundo vivere, tertio esse. Ego autem credo totum contrarium. In principio enim erat Verbum, quod ad intellectum omnino pertinet, ut sic ipsum intelligere teneat primum gradum in perfectionibus, deinde ens vel esse”. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

7. Segundo, admito que o próprio entender e tudo que pertence ao intelecto é de outra ordem que o próprio ser. Está dito no III Livro da Metafísica, que nas matemáticas não há fim nem bem, e, por conseguinte, nem ser, pois ser e bem são a mesma coisa. Também no VI Livro da Metafísica: o bem e o mal estão nas coisas, o verdadeiro e o falso na alma. Por isso se diz lá que o verdadeiro, que está na alma, não é ser, assim como o ser accidental que não é ser, por não ter causa. O ser, portanto, na alma, enquanto tal, não tem razão de ente e, assim, se opõe ao próprio ser. Assim também a imagem, enquanto tal, não é ente, pois quanto mais se considera sua entidade, mais se afasta do conhecimento da coisa de que é imagem. Do mesmo modo, como já disse, se a espécie, que está na alma, tivesse razão de ente, por ela não se conheceria a coisa de que é espécie, pois se tivesse razão de ente, conduziria ao conhecimento de si mesma e afastaria da coisa representada. Logo, as coisas que pertencem ao intelecto, enquanto tais, não são entes. Pois entendemos que Deus não pode fazer com que o intelecto entenda o fogo sem entender seu calor. Mas Deus não pode fazer que haja fogo e que ele não aqueça.⁵⁸

8. Terceiro, reconheço que aqui nossa imaginação falha. Pois nossa ciência difere da ciência de Deus, porque a ciência de Deus é causa das coisas, e a nossa é causada pelas coisas. Por isso, já que nossa ciência recai sobre o ente do qual é causada, o

⁵⁸ “Secundo accipio quod ipsum intelligere et ea quae sunt ad intellectum pertinentes, sunt alterius conditionis quam ipsum esse. Dicitur enim III Metaphisicam, quod in mathematicis non est finis nec bonum et ideo per consequens nec ens, quia ens et bonum idem. Dicitur etiam VI Metaph.: bonum et malum sunt in rebus et verum et falsum in anima. Unde ibi dicitur, quod verum, quod est in anima, non est ens sicut nec ens per accidens quod non est ens, quia non habet causam, ut ibi dicitur. Ens ergo in anima, ut in anima, non habet rationem entis et ut sic vadit ad oppositum ipsius esse. Sicut etiam imago inquantum huiusmodi est non ens, quia quanto magis consideras entitatem suam, tanto magis abducit a cognitione rei cuius est imago. Similiter, sicut alias dixi, si species, quae est in anima, haberet rationem entis, per ipsam non cognosceretur res, cuius est species, quia si haberet rationem entis, inquantum huiusmodi duceret in cognitionem sui et abduceret a cognitione rei, cuius est species. Quae ergo ad intellectum pertinent, inquantum huiusmodi sunt non entia. Intelligimus enim, quod deus non posset facere, ut intellectus intelligat ignem non intelligendo eius calorem. Deus tamen non posset facere, quod esset ignis et quod non calefaceret”. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

próprio ente, pela mesma razão, recai sob a ciência de Deus. Assim, tudo o que há em Deus está acima do ser e é totalmente entender. Com isso demonstro que em Deus não há ente nem ser – ente nem ser formalmente –, pois nada está formalmente na causa e no causado, se a causa for verdadeira causa. Ora, Deus é causa de todo ser. Logo, o ser não está formalmente em Deus. E se quiseses chamar “ser” ao “entender”, por mim tudo bem. Digo, contudo, que se há algo em Deus que queiras chamar de ser, convém a Ele pelo entender.⁵⁹

9. Além disso, o princípio nunca é principiado, como o ponto nunca é linha. Assim, sendo Deus o princípio – ou do próprio ser ou do ente –, Deus não é o ser da criatura. Nada do que está na criatura está em Deus, senão como em sua causa, e não formalmente. Portanto, como o ser convém às criaturas, não está em Deus senão como causa. Por isso, em Deus não há ser, mas pureza de ser. Como quando se pergunta a alguém que quer se esconder e não dizer seu nome: “quem és tu?”, ele responde: “Eu sou o que sou”, assim o Senhor, querendo mostrar a pureza do ser que há n'Ele, disse: “Eu sou o que sou”. Não disse simplesmente “eu sou”, mas acrescentou “o que sou”. A Deus, portanto, não convém ser, a não ser que chames “ser” a essa pureza.⁶⁰

⁵⁹ “Tertio accipio, quod hic imaginatio deficit. Differt enim nostra scientia a scientia dei quia scientia dei est causa rerum et scientia nostra est causata a rebus. Et ideo cum scientia nostra cadat sub ente, a quo causatur, et ipsum ens pari ratione cadit sub scientia dei et ideo, quidquid est in deo, est super ipsum esse et est totum intelligere. Et his ostendo, quod in deo non est ens nec esse, ens nec esse, quia nihil est formaliter in causa et causato, si causa sit vera causa. Deus autem est causa omnis esse. Ergo esse formaliter non est in deo. Et si tu intelligere velis vocare esse, placet mihi. Dico nihilominus, quod si in deo est aliquid, quod velis vocare esse, sibi competit per intelligere”. Tradução nossa.

⁶⁰ “Item principium numquam est principiatum, ut punctus numquam est linea. Et ideo cum deus sit principium vel sic ipsius esse vel entis, deus non est vel esse creaturae; nihil, quod est in creatura, est in deo nisi sicut in causa et non est ibi formaliter. Et ideo cum esse conveniat creaturis, non est in deo nisi sicut in causa et ideo in deo non est esse, sed puritas essendi. Sicut quando quaeritur de nocte ab aliquo, qui vult latere et non nominare se: «qui es tu?», respondet: «ego sum qui sum», ita Dominus volens ostendere puritatem essendi esse in se dixit: ego sum, qui sum. Non dixit simpliciter: «ego sum», sed addidit: «qui sum». Deo ergo non competit esse, nisi talem puritatem voces esse”. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

10. Também a potência da pedra não é pedra, nem a pedra em sua causa é pedra, e, portanto, o ente em sua causa não é ente. Sendo Deus causa universal do ente, nada do que há em Deus tem razão de ente, mas tem razão de intelecto e do próprio entender – cuja razão não é a de ter causa, como o é o ente –, e no próprio entender tudo está contido em potência, como na causa suprema de tudo.⁶¹

11. Além disso, nas coisas ditas por analogia, o que está formalmente em um dos analogados, não está formalmente nos outros. Assim, a saúde está formalmente apenas no animal; na dieta ou na urina, não há mais saúde do que numa pedra. Portanto, sendo todos os causados entes formalmente, Deus formalmente não será ente. Assim, como já disse, como os acidentes são ditos em relação à substância – que é formalmente ente e a quem compete o ser formalmente –, os acidentes não são entes, nem dão o ser à substância, mas o acidente é quantidade ou qualidade e dá o ser quanto ou qual – extenso, longo ou curto, branco ou negro –, mas não dá o ser, nem é ente. E não vale dizer: “é gerado, por uma geração secundária”, portanto é ente secundariamente.⁶²

12. Digo que não é gerado sequer por geração secundária. Aprendi que, quando de uma substância menos formal é gerada uma mais formal, então é geração

⁶¹ “Item potentia lapis non est lapis nec lapis in sua causa est lapis et ideo ens in causa sua non est ens. Cum igitur deus sit universalis causa entis, nihil quod est in deo habet rationem entis, sed habet rationem intellectus et ipsius intelligere, de cuius ratione non est quod causam habeat sicut est de ratione entis, quod sit causatum, et in ipso intelligere omnia continentur in virtute sicut in causa suprema omnium”. Tradução nossa.

⁶² “Item in his, quae dicuntur secundum analogiam, quod est in uno analogatorum, formaliter non est in alio, ut sanitas solum est in animali formaliter, in dieta autem et urina non est plus de sanitate quam in lapide. Cum igitur omnia causata sunt entia formaliter, deus formaliter non erit ens. Unde sicut alias dixi, cum accidentia dicantur in habitudine ad substantiam, quae est ens formaliter et sibi competit esse formaliter, accidentia non sunt entia nec dant esse substantiae, sed accidens bene est quantitas aut qualitas et dat esse quantum aut quale extensum, longum aut breve, album aut nigrum, sed non dat esse nec est ens. Nec valet, quod dicitur: generatur, generatione secundum quid, ergo et est ens secundum quid”. Tradução nossa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 41 (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

propriamente dita; quando ocorre o contrário, é geração secundária. Mas quando algo muda de um acidente para outro, não aprendi que isso se chame geração secundária, mas alteração. Por isso, não nego aos acidentes o que lhes é próprio, nem quero conceder-lhes o que não é. Mas também digo que a Deus não convém ser, nem é ente, mas algo superior ao ente. Assim como diz Aristóteles que a visão deve ser incolor para ver toda cor, e o intelecto não ser formas naturais para poder entendê-las todas, assim também eu nego a Deus o ser e semelhantes, para que Ele seja a causa de todo ser e contenha tudo previamente. Assim como não se nega a Deus o que Lhe é próprio, também se deve negar o que não Lhe é. Tais negações, segundo Damasceno no livro I, implicam uma superabundância de afirmação. Nada, portanto, nego a Deus do que Lhe é natural. Digo, sim, que Deus possui tudo em pureza, plenitude e perfeição, sendo a raiz e causa de tudo, mais amplo e profundo. E foi isso que Ele quis dizer ao declarar: “Eu sou o que sou.” Eckhart.⁶³

⁶³ “Dico, quod non generatur etiam generatione secundum quid. Didici enim, quod quando a substantia minus formali generatur substantia magis formalis, quod tunc est generatio simpliciter; quando vero et converso, quod est generatio secundum quid. Quando autem aliquid mutatur de accidente in accidens, non didici, quod dicatur generatio secundum quid, sed alteratio. Unde non nego accidentibus, quod suum est, nec volo eis concedere, quod suum non est. Sed etiam dico, quod deo non convenit esse nec est ens, sed est aliquid altius ente. Sicut enim dicit Aristoteles, quod oportet visum esse abscolorem, ut omnem colorem videat, et intellectum non esse formarum naturalium, ut omnes intelligat, sic etiam ego nego ipso deo ipsum esse et talia, ut sit causa omnis esse et omnia praebeat, ut sicut non negatur deo quod suum [non] est, sic negetur eidem quod suum non est. Quae negationes secundum Damascenum primo libro habent in deo superabundantiam affirmationis. Nihil igitur nego deo, ut sibi natum est convenire. Dico enim, quod deus omnia praebeat in puritate, plenitudine, perfectione, amplius et latus existens radix et causa omnium. Et hoc voluit dicere, cum dixit: ego sum, qui sum. Equardus”. Tradução nossa.